

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

ESTÉTICA DA CIDADE E ESTÉTICA DO SUBÚRBIO: ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS E GEOGRÁFICOS NA CRIAÇÃO CÊNICA

Juliana Souza do Rego

Juliana Souza do Rego | Mestrado
Linha de Pesquisa | PMC
Orientadora | Prof^a Dr^a Rosyane Trotta

É atriz fundadora e dramaturga da Quesquecé Cia. de Teatro e do Coletivo Paralelas. É diretora da Trupe de Lá TAG e professora de teatro do Colégio Pedro II, onde ministra aulas de teatro para adolescentes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2014. Atualmente é mestranda em Artes Cênicas na UNIRIO. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro.



XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

ESTÉTICA DA CIDADE E ESTÉTICA DO SUBÚRBIO: ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS E GEOGRÁFICOS NA CRIAÇÃO CÊNICA

Juliana Souza do Rego

Prof^a Dr^a Rosyane Trotta | Orientadora

Este trabalho objetiva abordar reflexões sobre pontos da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que envolve a relação da criação cênica, a partir de processos colaborativos, com a cidade, mais especificamente com o subúrbio do Rio de Janeiro. A ideia é pensar em um teatro que surge no espaço urbano do subúrbio e nele se concretiza, buscando este espaço não apenas como palco, mas como propulsor para a criação da cena teatral. Para este colóquio, pretendo debruçar-me sobre os seguintes pontos, na ordem que se segue: contextualização da história do subúrbio do Rio de Janeiro, acompanhada de um breve levantamento sobre editais públicos destinados ao fomento do teatro nesta região; uma breve conceituação de espaço público e de arte pública; proposições de como este espaço urbano interfere na criação cênica e dramaturgica. Para esta última parte, parto de exemplos e questões advindos da minha vivência junto ao grupo Trupe de Lá TAG¹, no qual realizei um trabalho de montagem e circulação de um espetáculo em bairros do subúrbio do Rio de Janeiro no ano de 2016 e com o qual continuo em pesquisa e atuação nesta região da cidade.

O artista é um constituinte da esfera pública e a arte pode constituir-se como uma maneira diferente de apropriar-se do espaço e criar vínculos sociais. No primeiro

1 A Trupe de Lá TAG surgiu em janeiro de 2014, como parte da programação da ocupação do Teatro Armando Gonzaga, tendo de início 15 integrantes, moradores dos bairros de Marechal Hermes e arredores como Bento Ribeiro, Oswaldo Cruz e Madureira, sendo hoje integrada por 12 artistas. No ano de 2015, o grupo foi contemplado por dois editais da Prefeitura do Rio de Janeiro, para realização do projeto *Se essa praça fosse minha*, por meio do qual criamos um espetáculo de teatro de rua, realizado em 18 praças do subúrbio da cidade, e no ano de 2016. Atualmente, o grupo tem pesquisado formas de atuação nas ruas de Marechal Hermes, além de realizar ensaios e intervenções nas praças locais.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

Seminário de Arte Pública do Rio de Janeiro, o teatrólogo Amir Haddad, diretor do grupo carioca “Tá na Rua”, proferiu um discurso promovendo uma noção de arte pública e defendendo que a arte é latente em toda a cidade e não deve se restringir a espaços fechados a ela destinados, mas precisa ser coisa pública que se manifesta em toda e qualquer parte da cidade².

A estrutura social e geográfica da cidade sempre me atravessou, já que estive inserida, durante toda a minha formação, no contexto de viver em uma grande metrópole – o Rio de Janeiro –, embora não desfrutasse de todos os benefícios e alegorias que dizem ser propiciados pela vida em um grande centro urbano. Isso porque cresci no subúrbio do Rio de Janeiro e, assim, percebi desde cedo que a cidade – aquele grande amontoado de serviços, possibilidades e oportunidades – não é para todos. Logo que comecei a me envolver com a arte e, em seguida, mais especificamente com o teatro, dei-me conta de como a estrutura de organização urbana interferia na arte, fosse na forma de produção, de acesso ou de criação.

Trago o enfoque para o teatro no subúrbio também porque esta é região da cidade ainda pouco incorporada pelo teatro ou por algumas outras artes, como as favelas têm sido, por exemplo. Ocorreu nos últimos anos um processo de abordagem da realidade sociocultural das favelas – não necessariamente positivo, segundo a maneira como é feita – que fez com que esses espaços fossem um pouco mais inseridos em discussões sobre a cidade e também no cenário artístico e teatral. Já os subúrbios permanecem esquecidos e muito pouco ainda é abordado sobre essas regiões.

O subúrbio do Rio de Janeiro apresenta características próprias que o diferem dos conceitos tradicionais e da própria etimologia da palavra. Segundo o professor de geografia da Universidade Federal Fluminense, Marcio Piñon de Oliveira, o subúrbio no Rio de Janeiro ultrapassa o sentido etimológico e geográfico da palavra, referindo-se a regiões com características econômicas, sociais e culturais próprias, com uma identidade (OLIVEIRA, 2013). Já Nelson da Nóbrega Fernandes, também professor de

² Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/secao2/doc/gps_teatro_final_amir_haddad_a_miseria_do_latifundio_cultural_135473>

Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/secao2/doc/gps_teatro_final_amir_haddad_a_miseria_do_latifundio_cultural_1354738161.pdf>. Acesso em: 16 jun 2017.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

geografia da UFF, o conceito carioca de subúrbio é decorrente de um fenômeno ideológico de desmoralização da classe operária diante da região da cidade para onde grande parte desse grupo social migrou (FERNANDES, 2011). Assim, essas áreas acabam por configurarem-se como lugares genuinamente populares e destinados às classes sociais mais baixas da sociedade e, em geral, desenvolvidos ao longo da linha ferroviária.

Proponho, então, refletir como essas características tão específicas se desdobram na criação artística, que meios podem ser usados em um processo artístico para que esses atravessamentos se deem e até que ponto elas podem ser capazes de produzir diferentes estéticas teatrais. Isso porque, além da existência de poucos teatros, da baixa quantidade de fomento a grupos de regiões periféricas, há também uma concepção de que o que é produzido nas zonas economicamente mais desenvolvidas da cidade é superior esteticamente e intelectualmente ao que se produz nas áreas de condições econômicas inferiores, como o subúrbio. A estética suburbana – se é que se pode assim dizer e, por isso, aqui defino uma visão não factual – agrega elementos sociais, visuais, linguísticos e sonoros que, embora muitas vezes excluídos do processo de reconstrução e embelezamento da cidade, interessa à arte. Os sons da linha ferroviária, os camelôs, as construções irregulares, as crianças brincando nas ruas, as ruas desertas e silenciosas à noite, as festas de rua, os altos sermões religiosos, os aglomerados de trabalhadores em pontos de ônibus, dentre tantos outros aspectos podem ser alvo de diferentes formas de olhar por meio da arte. Por isso, hoje, devolver a esfera pública à arte precisa inserir o olhar a esses espaços e dessacralizar os espaços e as regiões convencionais da cidade, geralmente postas como produtoras artísticas.

André Carreira, ao falar sobre a relação entre a cidade e o teatro, aborda a cidade não como um palco no sentido convencional, não como um mero cenário, mas como possibilidade de modulação da técnica interpretativa, um condicionamento à percepção do público, uma interferência direta no trabalho do ator, que se encontra desprotegido em um espaço cênico diversificado (CARREIRA, 2011). A partir da minha vivência no subúrbio e da experiência junto à Trupe de Lá TAG intenciono refletir sobre esse atravessamento, tendo ainda mais questões do que conclusões sobre os meios para que isso se dê, visto que a pesquisa ainda está em andamento.

REFERÊNCIAS:

CARREIRA, André. Sobre um ator para um teatro que invade a cidade. **Revista Moringa**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. v. 2, n.2., jul-dez 2011. p. 13-26.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**: Rio de Janeiro, 1858 – 1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

OLIVEIRA, Márcio Piñon. Caderno Globo Universidade, Rio de Janeiro, **Globo**, v. 1, n. 2, mar. 2013.